



NA MORTE DE GILBERT DURAND

Helder Godinho

Universidade Nova de Lisboa - CEIL

A primeira vez que ouvi falar de Gilbert Durand foi em 1972, em Moçambique, num colóquio em que Pierre Brunel também participava. Estava-se num momento de grande efervescência crítica e às psicocríticas, sociocríticas e muitas outras, Brunel acrescentou a «mitocrítica». No fim da sua interessante comunicação, falei com ele sobre o interesse que ela me tinha despertado e Brunel referiu-me uma obra fundamental para a compreensão e aplicação da mitocrítica: *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire* de Gilbert Durand.

Como é evidente, comprei-a e li-a atentamente¹. Descobri então que, ao procurar compreender o humano num horizonte sem Deus, o interesse que me levava, para além da literatura e da arte em geral, à psicologia, à antropologia e à história das religiões, ganhava agora uma grelha de leitura particularmente esclarecedora: as consistências que eu próprio já tinha notado em textos de várias espécies e de vários tempos passaram a estar integradas numa teoria e numa significação que me mostrou que, sob elas e também sob as teorias e disciplinas que as procuravam explicar, era necessário ter em conta um *imaginário* humano, património do *sapiens*, como dizia Durand, e que marcava os próprios imaginários pessoais e culturais e as próprias indagações sobre o sentido da vida. Com isso, encontrei também uma grelha para a compreensão dos textos literários, grelha que se apoiava também nas obras de Jean-Pierre Richard, que eu já tinha descoberto.

Mas as obras de Gilbert Durand (rapidamente li tudo o que consegui encontrar dos seus trabalhos) permitiam uma visão geral do humano na sua transversalidade antropológica ao mesmo tempo que levavam os estudos sobre o imaginário a um novo patamar de sistematização (o imaginário é um sistema) e compreensão. Nele era tentada uma relação entre ciência e imaginário (de algum modo antecipada por Jung no seu conceito de «inconsciente colectivo» veiculado geneticamente), no recurso aos reflexos estudados por Betcherev da Escola de Leninegrado. Os grandes vectores que organizavam e que davam sistematicidade às imagens recorrentes que constituíam o património do *sapiens* resultavam de uma relação entre a biologia, veiculada pelos reflexos dominantes (postural, de engolimento alimentar e de rítmica sexual) e o contexto natural e cultural. Essa relação entre a ciência dos reflexos filogeneticamente transmitidos e o mundo natural, de que eles também participam, evidentemente, mas concebido aqui como ambiente onde se desenrola um texto a que tem que ser dada significação, prolongado ou modulado pelas culturas e os tempos, é a pedra de toque da construção durandiana. Durand chamou-lhe o «trajecto antropológico» onde o *sapiens* e o mundo se constroem

¹ Posteriormente, traduzi-a: *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.



mutuamente em significação, *como duas metades de um símbolo*. Os trabalhos de etologia de Konrad Lorenz, entre outros, suportarão a construção durandiana, embora reforçando o lado filogenético, tal como as neurociências actuais.² De facto, Gilbert Durand considerava que a parte biológica dos reflexos não era causa mas era apenas um dos lados do trajecto antropológico em que o mundo como texto era o outro com igual valor: «Or, je le répète, comme il y a dix ans: la réflexologie vient se ranger dans les structures du trajet anthropologique, et non l'inverse. Le réflexe dominant n'a jamais été pour moi principe d'explication, tout au plus il a été élément de confirmation, de raccordement aux très sérieux travaux de l'École de Léninegrad.»³

Uma das contribuições mais importantes de *Les structures anthropologiques de l'imaginaire* é a noção de que o imaginário é um sistema em que as imagens se organizam em *regimes* (diurno e nocturno) segundo três forças ou vectores que correspondem aos reflexos dominantes e a que chama *estruturas* (diaréticas, do regime diurno, que correspondem ao reflexo postural, místicas e cíclicas, do regime nocturno, que correspondem aos reflexos do engolimento alimentar e da copulação). Assim estruturadas, as imagens implicam-se umas às outras, tal como a biologia dos reflexos e os elementos do mundo se implicam. O sentido do mundo que o imaginário assim constrói (a que chamo o imaginário primeiro) não poderá deixar de estar presente nas realizações culturais, que modularão este imaginário primeiro património do *sapiens*, materiais culturais que Gilbert Durand utiliza para a partir deles construir a sua teoria, desde os mitos à arte e a textos literários, e a toda a espécie de textos produzidos pelo homem.

Essa presença do imaginário «primeiro» nas actividades humanas, e dado que ele se discursifica «originalmente» em mitos para construir, sobretudo com os mitos fundadores, uma significação do mundo, leva à consideração de que a sua presença pode ser identificada nos imaginários pessoais e culturais, segundos, como lhes chamo, através da identificação de um mito orientador dos textos e das culturas nos seus diversos momentos. Essa é a pretensão da mitocrítica (textos) e da mitanálise (culturas), a de encontrar o mito que testemunha o património imaginário do *sapiens* nas realizações particulares da literatura e arte em geral e dos paradigmas que orientam as culturas.

Mas essa presença do geral no particular deixava de fora a especificidade do imaginário de cada texto e de cada autor, a sua *marca*, o seu *estilo*. Daí que eu tenha sentido, desde cedo, a necessidade de uma «mitoestilística», ou seja, de uma delimitação do «lugar» onde se organiza a especificidade de um texto e de um autor, ou melhor, de como um texto é uma manifestação do imaginário específico de um autor que em todos os seus textos se repete. Daí nasceu a noção de *mitoestilo* que é a narrativa fundadora do carácter literário de um autor, o verdadeiro autor dos seus textos porque em todos está presente, com maior ou

² V. Godinho, Helder - «La narrativité des images». *Transports. Mélanges offerts à Joël Thomas*. Perpignan, Presses Universitaires, 2012, p. 495-509.

³ *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Bordas, 1969, p.11.



menor número de elementos. A obra de Vergílio Ferreira tornou-me evidente a repetição de uma narrativa «fundadora», uma espécie de mito fundador, que é, de facto, o «autor» interno dos textos, mas já não ligado à generalidade da vida do *sapiens* mas de um determinado autor. Desenvolvi esta ideia num livro de 1982, *O Mito e o Estilo*⁴. Não se tratava agora, como fizera Charles Mauron⁵, de encontrar metáforas obsidiantes e, conseqüentemente, recorrentes, que mostrassem o psiquismo de um autor. Tratava-se, sim, de encontrar uma narrativa, um mito, que percorre toda a obra de um autor e funciona como o lugar interno da autoria da obra.

O meu diálogo com a obra de Gilbert Durand continuou, para além das aplicações práticas do seu método, e continua. Trata-se agora de um diálogo teórico interdisciplinar sobre as origens do imaginário e a sua função na construção da realidade, seja ela de que nível for⁶. O que significa continuar a pensar a função do imaginário numa teoria geral do conhecimento mas integrando os caminhos que as ciências humanas e exactas, o pensamento em geral, percorreram desde 1960, ano da 1ª edição de *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*⁷. Esse é o desafio que orienta as investigações do CEIL.

Para além do diálogo científico com a obra, tive o privilégio de conhecer pessoalmente Gilbert Durand, que procurei em 1978, em Chambéry. No *Centre de Recherches sur l'Imaginaire* de Chambéry fiz vários estágios e Gilbert Durand veio várias vezes a Portugal e a Universidade Nova de Lisboa fê-lo mesmo doutor *honoris causa* em 1989. Para além das relações de trabalho, estabeleceram-se também relações de amizade que perduraram até à sua morte recente. Gilbert Durand era um homem extremamente generoso e afável, para além de um grande intelectual, para quem os contactos humanos eram muito importantes e, através dele, pude conhecer vários estudiosos do imaginário, sobretudo franceses, alguns dos quais se contam, ainda hoje, entre os meus melhores amigos.

Gilbert Durand criou o *Centre de Recherches sur l'Imaginaire*, inicialmente em Chambéry e Grenoble. Mas, a difusão dos estudos sobre o imaginário e o cada vez maior interesse que suscitam, levou à criação de muitos outros Centros com o mesmo objectivo, quer em França quer no estrangeiro. Hoje, constituem uma rede internacional que envolve Centros de todos os continentes e que acaba de ser formalizada numa reunião em Cluj, na Roménia, em Outubro passado, e de que o CEIL faz parte. O legado de Gilbert Durand estende-se, assim, por uma dimensão institucional que alastrou ao mundo inteiro.

⁴ Lisboa: Presença.

⁵ Mauron, Charles - *Des métaphores obsédantes au mythe personnel. Introduction à la Psychocritique*. Paris: José Corti, 1963.

⁶ Ver, p.e., Godinho, Helder - «La narrativité des images», o.c.

⁷ Paris: PUF.